



A frase, pronunciada pela artista Janete Anderman para as crianças da comunidade caiçara da Ilha de Superagui, durante uma oficina de construção de câmera *pinhole* com caixas de fósforo, é um dos momentos marcantes da residência da artista naquela localidade em 2014.

Além daquelas, a artista utiliza-se de outras palavras, no mesmo tom encantador, para retratar com sensibilidade e delicadeza únicas sua vivência na Ilha, ao lado dessas espécies de escritos luminosos realizados com a câmera *pinhole*.

São escritos e imagens, portanto, com certos efeitos que ofuscam o registro da realidade imediatamente dada, para que, a partir de uma luminosidade incomum, sejamos conduzidos ao campo do sensível. A partir desses adoráveis relatos sobre o movimento cartográfico experienciado pela artista, materializa-se o livro físico “Amboae Superagui: Rumos de Coexistir”, lançado em 2022, pela editora Medusa. Um livro vivo que nos convida à uma profunda imersão no percurso em direção à Ilha e da Ilha em direção a nós.

Revestindo-se de seu sentido de “outro” em tupi-guarani, “Amboae” deixa sua primeira casca para contemplar as inúmeras formas de sua própria existência. E, em continuidade ao processo, a artista mantém-se aberta para vivenciar experiências outras, fortemente interligadas àquelas “experiências que aconteceram e deixaram seu rastro, usando desses fios de experiências e tecendo ideias de futuro, desejos e levitações”. Essas palavras, escritas pela artista em 2014, colocando a si próprias, assim como, nossa percepção comum, em contradição, refletem o passado vivido anteriormente à residência na Ilha, mas, agora, revelam-se também como o passado que retrata o presente, *in continuum*. Ou seja, urobóricamente rompem com a lógica temporal linear, lançando-nos mais uma vez em direção à fascinante magia do sensível.

Nesse sentido, a exposição “Amboae Superagui” consiste no fluxo que troca o início, o fim e o meio pela continuidade... “Ouroboros”, peça fundamental, simboliza a eternidade de ciclos que jamais se encerram. E, ainda, seu corpo-cobra-corda, uma referência entrelaçada à Ilha, comporta em si outras múltiplas interconexões possíveis.

Interconexões que ocorrem em cada obra e a cada momento da exposição, incluindo confluências com o próprio espaço expositivo. E que também acontecem, muito em especial, pela perceptível sincronidade manifestada através do diálogo direto entre os registros fotográficos dos artistas convidados Francinete Alberton e Mathieu Bertrand Struck e os relatos e as coletas feitas por Janete Anderman. Artistas tais que se lançam nos “Rumos de Coexistir” e, com intenso envolvimento prático e criativo, iluminam e nos fazem ver aquele ali que é um dos principais sentidos da exposição.

Quando a luz escreve, portanto, não apenas registra, mas também dá nascimento a potentes conexões e novas realidades. Uma escrita que se apresenta em sua essência e forma mais pura: a imagem. E talvez seja por isso que o livro físico, com toda a licença poética, desintegra-se para transformar suas páginas e palavras em um corpo imagético, apresentando-se em forma de obra de arte. “Amboae”, o livro, ao mudar novamente de casca, adentra, nesse momento, num portal virtual ou, em outras palavras, no livro em sua versão digitalizada, cujo lançamento dá a presente exposição à luz!

Ana Carolina Mondini, Curadora



04/05/2025